

ORAÇÕES SUBJETIVAS E TEORIA DOS PROTÓTIPOS

*Sebastião Carlos Leite Gonçalves**

RESUMO

Nem todas as teorias lingüísticas fornecem respostas satisfatórias para a descrição e funcionamento das línguas, considerando categorias difusas, como, por exemplo, a das orações complexas. Como testagem da teoria dos protótipos (Taylor, 1989) na investigação das orações subjetivas, pretendo mostrar uma outra possibilidade de descrição e análise de categorias lingüísticas, incluindo aquelas de caráter não-discreto.

Palavras-chave: Orações subjetivas; Modalidade; Gramaticalização.

As orações encaixadas compreendem o mecanismo por meio do qual uma oração ou sintagma vem a funcionar como um constituinte dentro de uma estrutura de um grupo ou sintagma. Uma das formas de encaixamento no Português é representada pelas orações substantivas, comumente referidas em nossas gramáticas como aquelas que se equiparam a um sintagma nominal (SN), que, na frase, ocupa uma determinada posição sintática. É em razão de se comportarem como elemento nominal que são tradicionalmente chamadas de *orações subordinadas substantivas*. Essa correspondência se verifica, por exemplo, na equiparação dos constituintes oracionais dos enunciados (1a)-(3a), com os constituintes nominais das respectivas paráfrases em (b), ambos os casos se tratando de argumentos do predicado contido na oração matriz.

* Universidade Estadual de São Paulo, *campus* de São José do Rio Preto.

- (1) a. É fácil [_{oração} confundir João Germano com gênero humano] (D)¹
b. É fácil [_{SN} a confusão de João Germano com gênero humano]
- (2) a. É uma obrigação [_{oração} eu me exhibir] (D)
b. É uma obrigação [_{SN} a minha exibição]
- (3) a. Não basta [_{oração} condenar certas práticas de escavação como predatórias] (T)
b. Não basta [_{SN} a condenação de certas práticas de escavação como predatórias]

Ciente da problemática classificação tradicional, pode-se considerar que o constituinte oracional destacado em (a), por se equiparar, em função, ao SN complexo de (b), exerce o papel de sujeito em relação ao predicado matriz. Assim, chamarei de **oração complexa subjetiva** (daqui em diante, *OCS*) a cláusula que contém um predicado matriz no qual se encaixa um complemento oracional em posição argumental de sujeito, ao qual me referirei como **oração encaixada subjetiva** (daqui em diante, *OES*).

A grande maioria das gramáticas não explicita uma tipologia que permita distinguir com clareza as *OCSs*. Por vezes, faz referência tão somente ao argumento oracional do predicado matriz, sem a preocupação de estabelecer correlações entre tal constituinte e o predicado em que ele se encaixa. Assim, o presente trabalho é uma tentativa de elucidar um quadro tipológico prototípico das *OCSs*, com base na teoria de categorização lingüística proposta por Taylor (1989) e em alguns pressupostos do quadro teórico da gramaticalização (Hopper & Traugott, 1993).

Para a implementação deste estudo, foram extraídos dados de três tipos diferentes de textos: dramático, técnico e oratório, que integram uma base de dados, com sede na UNESP/Araraquara e cuja variedade é a língua escrita contemporânea do Brasil. Dentre os diferentes tipos de *OCSs*, foram levantadas 135 ocorrências. Para a apuração da frequência, visando à extração da prototipicidade das *OCSs*, foi utilizado o programa VARBRUL.

O presente trabalho divide-se em três partes. Na primeira, faço uma caracterização dos diferentes tipos de *OCS*, para, na segunda parte, a partir de uma análise quantitativa, levantar os traços de sua prototipicidade; a terceira parte reservo às considerações finais.

CARACTERIZAÇÃO DAS *OCSs*

Tipologia

Embora os diferentes tipos de *OCSs* tenham um comportamento muito semelhante no que se refere a propriedades semânticas e morfossintáticas, o ponto em que

¹ A letra, entre parêntese, que segue cada ocorrência indica o tipo de texto de onde foi extraído o dado: T(écnico), O(ratório) e D(ramático).

apresentam uma distinção é quanto ao formato da oração matriz. Assim, as *OCSs* encontradas nos dados puderam ser agrupadas em três subtipos:

a) *Matriz com predicador verbal* – A *OCS* pode comportar uma oração encaixada em um predicado matriz cujo predicador é um verbo. Nesse caso, a oração encaixada pode ser considerada um argumento selecionado pelo verbo da matriz.

O impasse na literatura lingüística ficaria por conta de definir a natureza desse argumento: como argumento externo ao predicado matriz, e, portanto, ocupando a posição argumental de sujeito (ver Moura Neves, em preparação), ou como argumento interno ao predicado matriz, ocupando, portanto, a posição argumental de objeto (ver Mateus *et al.* 1989, Miotto *et al.* 1999), caso em que o rótulo *OES* não se justificaria. A primeira consideração aproxima-se mais da abordagem tradicional, enquanto a segunda exige um tratamento mais elaborado, em termos de atribuição de Caso, por tratar esse tipo de predicador como pertencente a classe de verbos de natureza inacusativa, ou seja, verbos que não selecionam argumento externo.

À parte o debate, um consenso há: a oração encaixada é um argumento selecionado pelo predicador verbal da oração matriz, como mostram os exemplos de (4) a (6):

- (4) *Convém observar que este lenho encerra um óleo-resina que pode sensibilizar a pele humana* (T)
 (5) *Parece que eu vivo de prêmios de consolação* (D)
 (6) Para ser-se pintor não é preciso manejar o pincel, *basta conhecer-se os segredos da paleta. Basta que se sinta a pintura com a alma.* (D)

Assim, enunciados com essas características apresentam a seguinte estrutura:

- (7) [_{OCS} [_{matriz} *predicador verbal* [*OES*]]]

em que a *OES* ocorre à direita da matriz e pode ser expressa por uma oração finita, introduzida por *que*, como em (5) e (6, na segunda ocorrência), ou não-finita, como em (4) e (6, na primeira ocorrência). O verbo da matriz ocorre categoricamente na 3ª pessoa do singular e, geralmente no presente do indicativo, expressando uma avaliação do falante sobre o conteúdo da proposição encaixada.

b) *Matriz com predicador nominal* – Construções predicativas nominais podem também selecionar como argumento uma oração, como mostram os exemplos (8a) e (9a). A ordem dos constituintes na matriz é um critério que permite distinguir as *OCSs* das construções semanticamente equativas, as chamadas *orações predicativas*, cuja matriz apresenta como predicador um SN,² como mostram as respectivas paráfrases em (b).

² Como mostra Rodrigues (1999), para as orações predicativas prototípicas, o sujeito da matriz é um SN composto de [Det + N], N podendo ser um substantivo ou um adjetivo substantivado e o Det, um artigo definido, como mostram (8b) e (10b).

- (8) a. E com as eleições para a academia, **é uma obrigação eu me exhibir...** (D)
 b. **A obrigação é eu meu exhibir**
- (9) a. **Era meu desejo que o antigo navio romano fosse tratado como se tratam todos os objetos antigos e preciosos que se conservam nos museus: com a máxima delicadeza.** (O)
 b. **Meu desejo era que o antigo navio romano fosse tratado como se tratam todos os ...**
- (10) a. **É verdade que, no caso de gêmeos univitelinos, [...] não se torna possível a disparidade apontada por Godin.** (T)
 b. **A verdade é que, no caso de gêmeos, [...]**

As *OCS* em cuja matriz ocorre um predicador nominal apresentam a seguinte estrutura:

- (11) [_{OCS} [_{matriz} **ser** + *SN* [*OES*]]]

em que a *OES* ocorre à direita da matriz, podendo ser finita, como em (9) e (10), ou não-finita, como em (8). Na matriz da *OCS*, à direita do verbo pode ocorrer um *SN* composto só de núcleo (10) ou de núcleo com modificadores adjuntos (8 e 9). Como nos casos de matriz com predicador verbal, a matriz com predicador nominal apresenta o verbo *ser* na 3ª pessoa do singular, mormente, no presente do indicativo, expressando uma avaliação do falante sobre o conteúdo da *OES*.

c) Matriz com predicador adjetival – Numa *OCS*, a oração encaixada pode ainda constituir um argumento de um predicador adjetival contido na oração matriz, relação estabelecida por meio de diferentes verbos como *ser*, *parecer*, *tornar*, *ficar*. O predicador adjetival pode ser expresso por um sintagma adjetival (*SA*) ou por um sintagma preposicional (*SPrep*), de natureza adjetiva. Vejam-se os exemplos de (12) a (16).

- (12) Há muitos anos a metilina não existe mais no mercado brasileiro. **É bom que se frise isto.** (T)
- (13) **Parece impossível dizer mais e melhor sobre a ação do meio.** (T)
- (14) **Torna-se imperativo, ao contrário,** estabelecer as premissas científicas e político-culturais **que sustentam as diversas práticas arqueológicas, tornando explícitas as ligações entre os dois níveis.** (T)
- (15) Todavia, apesar de tantos anos de ausência, **ainda era de supor que alguma amizade restava entre nós.** (= era suposto) (D)
- (16) **Nesse propósito, é de justiça assinalar, também se congreguem os filhos de outros países amigos,** que para aqui vieram trazer-nos a ajuda do seu braço ... (= é justo) (O)

A estrutura dada em (17) é a que prevê os casos de *OCS* em cuja matriz figura um predicador adjetival, seguido da *OES*.

- (17) [_{OCS} [_{matriz} **verbo copulativo** + (*SA*) (*SPrep*) [*OES*]]]³

³ Os constituintes encerrados por parênteses são mutuamente exclusivos.

Também nesses casos, alternam-se as possibilidades de ocorrência de oração encaixada finita (12 e 15) e não-finita (13, 14 e 16). Deve-se também ressaltar que nos casos em que na matriz aparece um SA, este pode conter advérbios intensificadores da avaliação expressa pelo adjetivo (é *muito cômodo...*, é *bem fácil...*). Como nos demais subtipos, o verbo da matriz ocorre na 3ª pessoa do singular e, na grande maioria das vezes, no tempo presente do indicativo.

Propriedades comuns dos diferentes tipos de OCS

Feita essa caracterização, é possível notar que, entre os diferentes subtipos de OCS, há algumas propriedades comuns, tais como:

- a) a OES sempre ocorre à direita da oração matriz (posição não-marcada);
- b) é possível a ocorrência da OES na forma finita ou não-finita;
- c) o verbo da matriz aparece categoricamente na 3ª pessoa do singular e na grande maioria das vezes no tempo presente do indicativo;
- d) a oração matriz codifica sempre uma avaliação do falante sobre o conteúdo da OES.

Cabe indagar neste ponto se tais propriedades são verificadas com a mesma frequência para os diferentes tipos de OCS. Haveria um padrão mais prototípico para OCS? Se sim, qual sua função? Que relações semântico-sintáticas pode haver entre a oração matriz e a encaixada, de modo a explicitar o grau de integração entre elas?

Tentando buscar respostas a essas questões, na seção seguinte passo analisar alguns resultados, visando a estabelecer um padrão prototípico para OCS.

ATRIBUTOS DA PROTOTIPICIDADE

Em reação ao modelo clássico de categorização, uma teoria objetivista do sentido, surge a categorização por protótipos. Enquanto o primeiro estabelece que uma entidade pertence ou não pertence a uma categoria, em acordo com o preenchimento de certas condições necessárias e suficientes, o segundo prevê graus de pertencimento a uma categoria, a partir dos atributos de um membro mais central desta categoria (Taylor, 1989).

Um desenvolvimento significativo para a descrição lingüística de componentes formais foi o conceito de protótipo proposto por lingüistas de orientação cognitivista. Taylor, citando trabalhos de outros cognitivistas, argumenta que os “falantes das línguas naturais formam categorizações de objetos lingüísticos do mesmo modo como formam categorizações de objetos naturais e culturais”, o que sugere que “os princípios psicológicos que regem o comportamento lingüístico são os mesmos que regem outros tipos de comportamento humano”. Assim como para a categorização de obje-

tos naturais e culturais, dentro do princípio de categorização lingüística, é possível distinguir termos de nível básico, e portanto, membros mais prototípicos (ou mais centrais) de uma categoria, de termos de nível não-básico, representantes de membros marginais da mesma categoria.

Um dos critérios que distingue os termos de nível básico é a sua alta freqüência de uso, embora não seja este um critério determinante. A esse respeito, Taylor, procurando responder acerca da origem de categorias prototípicas, adverte que o grau de membro de uma categoria independe da freqüência de ocorrência de membros prototípicos. Em outras palavras, a alta freqüência de ocorrência de membros prototípicos é apenas sintoma de prototipicidade e não a sua causa.

Estarei usando o critério de freqüência para a extração dos sintomas de prototipicidade das *OCS*, não me esquecendo das advertências de Taylor quanto a esse critério. Assim, nesta seção passo a analisar a freqüência com que algumas propriedades explicitadas na seção anterior são aplicadas às *OCS*.

Alguns resultados

Uma primeira propriedade que examinei para as *OCS* foi a *forma da oração encaixada*, cujos resultados estão apresentados na Tabela 1:

Tabela 1
OCS* quanto à forma da oração matriz e da *OES

Forma da matriz	Forma da encaixada		
	Não-finita	Finita	Total
com predicador nominal	43% (6/14)	57% (8/14)	11% (14/135)
com predicador adjetival	61% (47/76)	39% (29/76)	56% (76/135)
com predicador verbal	73% (33/45)	27% (12/45)	33% (45/135)
Total	64% (86/135)	36% (49/135)	100% (135/135)

Os dados acima revelam que, para os diversos tipos de *OCS*, a encaixada ocorre com acentuada freqüência na forma não-finita. Um comportamento um pouco diferente deste fica por conta das *OCS* em cuja matriz ocorre um predicador nominal, para as quais a oração encaixada finita ocorreu em 57% das 14 ocorrências levantadas para este tipo de cláusula.

Para a matriz com predicador adjetival, conforme estrutura apresentada em (17), a forma mais recorrente foi a [_{OCS} [_{matriz} *verbo ser + SA [OES]*]]. Matrizes com *Sprep* (loções adjetivas) antecedido de verbo *ser* ou matriz com outros verbos (*parecer* e *tornar*) seguidos de *SA* representaram apenas 6 ocorrências para este subtipo.

Os resultados para a forma do predicado da matriz indicam que a oração encaixada toma mais freqüentemente como predicativo um *SA*: 47/76= 61%, em se tra-

tando das formas não-finitas, e $29/76 = 39\%$, em se tratando das formas finitas, o que revela a matriz com predicador adjetival a forma mais recorrente nos dados analisados ($76/135 = 56\%$, contra 44% para os dois outros subtipos de predicado matriz). Talvez explique essa acentuada frequência em favor da matriz com predicador adjetival o fato de a categoria adjetivo ser a forma mais prototípica para a expressão de avaliação e de julgamento. Essa função da matriz é extensiva também aos predicadores nominais e verbais, categorias menos prototípicas para avaliação e julgamento, justificativa talvez para a menor frequência da matriz com esses tipos de predicadores.

Quanto à função dos predicadores matriciais, no Quadro 1, elenco os principais tipos de predicadores avaliativos encontrados nos dados.

Quadro 1
Propriedades semânticas dos predicadores da orações matriz

Predicador matricial	Função		
	Avaliação deôntica	Avaliação epistêmica	Outros tipos de avaliação
adjetival	(ser) necessário, preciso, indispensável, imperativo	(ser) possível, impossível, claro, provável, improvável, evidente,	(ser) melhor, formidável, fácil, difícil, justo, bom, vital, comum, cômodo, prudente,
nominal	(ser) uma obrigação	(ser) verdade	(ser) uma honra, um pecado, meu desejo, um privilégio
verbal	cumprir, convir, caber, urgir	parecer, pode ser, constar	bastar, custar, adiantar, interessar, preocupar, valer

Dentre os tipos de avaliação expressos pelo predicado matriz da *OCS*, dois se destacam na qualificação da proposição encaixada: os valores *deônticos* (dever, obrigação) e os valores *epistêmicos* (possibilidade, probabilidade) em contraposição a *outros tipos de avaliação*, os quais fogem ao escopo desse trabalho, em razão de não apresentarem um comportamento semântico semelhante aos dos predicados modalizadores. A esse respeito, na delimitação que faz dos predicados que devem ser considerados modalizadores, Cervoni (1989), após observar a (in)aptidão de certos modalizadores na determinação de uma proposição, admite a possibilidade de opor uma barreira à expansão das “modalidades avaliativas”, ou seja, de incluir todas as formas de avaliação no domínio da modalidade. Assim, consoante à proposta de Cervoni, os predicadores matriciais, listados no Quadro 1, sob o rótulo de *Outras Formas de Avaliação*, estariam fora da categoria de modalidade.

Embora a expressão de todos esses valores seja resultado de uma avaliação do falante, sobre o conteúdo da proposição incidem com nítida clareza os valores deônt-

ticos e epistêmicos. Valores epistêmicos marcam o (des)comprometimento do falante com a verdade da proposição encaixada, e, portanto, orientam-se para o falante; valores deônticos, por sua vez, expressam uma conduta de ordem moral, normalmente controlada pelo falante e orientada para um agente, explicitado ou não na predicação encaixada (cf. Bybee *et al.*, 1994; Palmer, 1986, entre outros). Entre esses dois tipos de modalidade expressos pela oração matriz pode haver casos de sobreposição,⁴ representada sobretudo pelo emprego do verbo *parecer* como instanciação de modalização do *ser*, como mostram os exemplos em (18) e (19).

(18) *Parece impossível* dizer mais e melhor sobre a ação do meio. [epistêmica sobre epistêmica]

(19) Nem o nome *pareceu necessário* acrescentar. [epistêmica sobre deôntica]

Na Tabela 2, apresento o cruzamento da variável *Função do predicado matriz versus forma da oração encaixada*, do qual interessa destacar a função exercida pelos diferentes predicadores matriciais.

Numa leitura vertical dos dados contidos na Tabela 2, é possível verificar que cada *tipo de predicador matricial* parece estar correlacionado a um *tipo de função* diferente: outros índices de avaliação são preferencialmente codificados por predicadores verbais (40%); predicadores adjetivais são mais empregados para a codificação de valores deônticos (45%); e, predicadores nominais, para a codificação de valores epistêmicos (50%). Por outro lado, considerando a modalidade como um domínio mais amplo, verifica-se que, se tomados conjuntamente, os valores deôntico e epistêmico constituem a função primeira dos diversos tipos de predicadores da oração matriz. Juntos, representam 65% (87/135) dos diferentes tipos de avaliação codificados pelo predicador matricial, contra 35% (48/135) para os outros tipos tomados juntos. Entretanto, há de se observar a distribuição inversa entre os predicadores nominais e adjetivais para essas duas funções: enquanto os primeiros repelem a modalidade deôntica e favorece a epistêmica, o inverso se verifica para os segundos.

No que respeita à relação “função do predicador” *versus* “forma da encaixada”, verifica-se que os predicados matrizes nos quais se encaixam formas finitas codifica preferencialmente valores epistêmicos (65% = 26/40), enquanto as formas não-finitas se encaixam com frequência equilibrada em predicados que expressam ou valores deônticos ou outros avaliativos (72% = 33/47 e 79% = 38/48, respectivamente). Entretanto, deve ser observado que para o total das encaixadas não-finitas se sobres-

⁴ Hengeveld (1989) e Dik (1989) resolvem o escopo da modalidade pelo tratamento da estrutura oracional em camadas. Assim, modalizadores deônticos atuam no nível da predicação, enquanto epistêmicos, no nível da proposição. Como deônticos são de níveis mais baixos, epistêmicos podem tomar como escopo um deôntico ou mesmo um outro epistêmico.

Tabela 2
Tipo de avaliação do predicado matriz versus forma da OES

Tipo/função do predicado matriz	Forma da encaixada		
	Finita	Não-finita	Total
predicador nominal			
epistêmica	100% (7/7)	0%	50% (7/14)
deôntica	0%	100% (1/1)	7% (1/14)
outros	17% (1/6)	83% (5/6)	43% (6/14)
subtotal	57% (8/49)	43% (6/14)	11% (14/135)
predicador adjetival			
epistêmico	50% (9/18)	50% (9/18)	24% (18/76)
deôntico	39% (13/34)	61% (21/34)	45% (34/76)
outros	29% (7/24)	71% (17/24)	31% (24/76)
subtotal	38% (29/76)	62% (47/76)	56% (76/135)
predicador verbal			
epistêmico	67% (10/15)	33% (5/15)	33% (15/45)
deôntico	0%	100% (12/12)	27% (12/45)
outros	11% (2/18)	89% (16/18)	40% (18/45)
subtotal	27% (12/45)	73% (33/45)	33% (45/135)
Total			
epistêmico	65% (26/40)	35% (14/40)	30% (40/135)
deôntico	28% (13/47)	72% (34/47)	35% (47/135)
outros	21% (10/48)	79% (38/48)	35% (48/135)
	36% (49/135)	64% (86/135)	135

sai o valor modal do predicado matriz, ou seja, valores epistêmicos e deônticos tomados conjuntamente (56% = 48/86, contra 44% = 38/86, para outros avaliativos).

Nos dados até aqui analisados, cabe destacar duas propriedades das *OCS*: a forma não-finita da oração encaixada e a expressão de modalidade da oração matriz. Essas duas propriedades, em princípio e com muita cautela, me levam a sugerir que as formas não-finitas, por apresentarem um maior grau de dependência da matriz, constituiriam um critério para afirmar que esta é uma propriedade de cláusulas mais gramaticalizadas, ou, nos dizeres de Givón (1995, p. 125), representariam uma maior integração semântico-pragmática dos conteúdos expressos pela matriz e encaixada, constituindo, assim, um evento singular e complexo.

A acentuada diferença entre as formas alternantes da oração encaixada, com predomínio das não-finitas, pode ser um indicador de que ela vem perdendo traços de orações prototípicas, como, por exemplo, força ilocucionária, modo, tempo, aspecto, não podendo, portanto, constituir-se como uma cláusula independente e, por essa razão, mais fortemente integrada ao predicado matriz. Esse forte entrelaçamen-

to seria um indício de que, numa escala de gramaticalização de orações, como a dada em (20) abaixo, as *OCSs*, cuja encaixada aparece na forma não-finita, seriam cláusulas mais gramaticalizadas do que aquelas com encaixada finita (cf. Braga 1999).

(20) finita > não-finita > nominalização

Para o caso das *OCS*, é de se esperar que as orações encaixadas finitas já não mantenham com sua matriz um alto grau de dependência, no que diz respeito ao modo e tempo,⁵ uma vez que a integração começa a ser mais forte num estágio mais avançado de gramaticalização. Antevendo que este fato, se verificado, poderia constituir um passo intermediário entre construções encaixadas finitas e não-finitas, dentro da escala de gramaticalização proposta em (20), procurei investigar a correlação tempo-modo entre o verbo da encaixada e o verbo da matriz, atentando para a existência de uma igualdade/diferença necessária entre eles.

Os dados da Tabela 3 apontam que, para a maioria das construções encaixadas finitas é necessário que o seu tempo seja diferente do tempo do verbo da matriz, sobretudo quando se trata de construções predicativas adjetivais na matriz.

Tabela 3
Correlação de igualdade/diferença em tempo e modo entre *OES*
e da oração matriz para os diversos tipos de *OCS*

Tempo-modo da encaixada e da matriz	Predicador matricial			
	Nominal	Adjetival	Verbal	Total
são iguais e precisam ser iguais	6/11 = 54%	2/11 = 18%	3/11 = 28%	11/49 = 23%
são diferentes e precisam ser diferentes	1/23 = 4%	20/23 = 87%	2/23 = 9%	23/49 = 47%
são iguais mas poderiam ser diferentes	1/15 = 6%	7/15 = 47%	7/15 = 47%	15/49 = 30%
Total	8/49 = 16%	29/49 = 59%	12/49 = 25%	49

Explicitando as variáveis empregadas acima, o grau de “entrelaçamento” entre a matriz e a encaixada seria um indicativo do seu grau de gramaticalização. Dessa relação, poderíamos extrair o esquema em (21):

⁵ Além da correlação modo-tempo, um outro critério eficaz para se verificar o grau de entrelaçamento entre a oração encaixada e matriz seria a correferencialidade de sujeitos (cf. Lehmann, 1988), caso que não se aplicaria às *OCSs*, em vista de no predicado matriz não haver um sujeito identificável, ou seja, estamos lidando com um sujeito oracional representado pela oração encaixada.

(21) CORRELAÇÃO TEMPO E MODO	GRAU DE ENTRELAÇAMENTO
Igualdade necessária	Forte
Igualdade não-necessária (possibilidade de diferença)	Médio
Diferença necessária	Fraco

Dessa forma, verifica-se na Tabela 3 que, apesar das diferenças estatísticas para os três subtipos de *OCS*, o indício é o de um “entrelaçamento” fraco entre as construções encaixadas finitas e a matriz, no que diz respeito ao modo e tempo: 47% (23/49). Observe-se que o “entrelaçamento” forte entre matriz e encaixada (igualdade necessária) está representado por pouco menos de ¼ das ocorrências. Uma vez que, entre matriz e oração finita, o grau de “entrelaçamento” que prevalece é o fraco, a sinalização de um entrelaçamento forte, rumo a uma estrutura mais gramaticalizada, constitui fator para a matriz selecionar um constituinte oracional não-finito.

Ainda que os resultados aqui apresentados apontem para um maior entrelaçamento entre a matriz e a encaixada das *OCS* (cf. Tab.1), cumpre indagar se apenas a finitude constituiria critério suficiente para uma afirmação sobre o avanço desse tipo de oração na escala mostrada em (20). Uma outra hipótese que permitiria uma afirmação mais segura neste sentido seria a maior integração semântico-pragmática que parece haver entre os conteúdos da matriz e da encaixada, como propõe Givón.

Desses resultados, cabe ainda destacar duas outras propriedades dos predicadores matriciais:

- a) ocorrência do verbo preferencialmente no presente do indicativo. Dos dados analisados, 83% (113/135) foram construídos com o verbo no presente do indicativo, contra 17% (22/135) em outros tempos: imperfeito do indicativo (7%), perfeito do indicativo (5%), futuro do pretérito (3%), futuro do indicativo (1%) e imperfeito do subjuntivo (1%), estes três últimos com células com menos de 5 ocorrências; e,
- b) categoricamente, a forma verbal aparece na 3ª pessoa do singular (100%).

As subjetivas prototípicas

Mediante os resultados apresentados na seção anterior, as *OCSs* prototípicas são aquelas em cuja matriz ocorre um predicador adjetival. Podem ser representadas pela estrutura dada em (22) abaixo:

$$(22) [{}_{OCS} [{}_{matriz} VERBO SER_{(3PI)} + SA_{(valor\ epistêmico/deôntico)} [OES_{(não-finita)}]]]$$

cujos atributos, para a oração matriz, são os seguintes:

- (a) é um predicado representado pelo verbo *ser*, na 3ª pessoa do singular (100%) e no presente do indicativo (83%), seguido de um SA;

- (b) codifica uma avaliação do falante sobre o conteúdo da encaixada, prevalecendo valores epistêmicos e deônticos.

e para a *OES*, a ocorrência na forma não-finita e à esquerda da matriz.

Afastando-se da prototipicidade

Às *OCSs* com menor grau de prototipicidade, representantes do padrão fluido dessa categoria, podem ser atribuídas as seguintes propriedades:

- a) ocorre na matriz um outro verbo de caráter estativo (*parecer, tornar-se*) seguido de um SA;

(23) *Parece impossível dizer mais e melhor sobre a ação do meio.*

(24) *Torna-se imperativo, ao contrário, estabelecer as premissas científicas e político-culturais que sustentam as diversas práticas arqueológicas, tornando explícitas as ligações entre os dois níveis.*

- b) ocorre na matriz o verbo *ser* seguido de uma locução adjetiva, representada por um SPrep;

(25) *Ainda era de supor que alguma amizade restava entre nós dois.*

(26) *Nesse propósito, é de justiça assinalar, também se congreguem os filhos de outros países amigos, que para aqui vieram trazer-nos a ajuda ...*

- c) a oração encaixada ocorre na forma finita;

(27) *É necessário que recuperes a energia.*

(28) *É claro que sob a expressão pátria toam os grandes motivos “mãe, irmãos e amigos”.*

- d) o verbo da matriz não aparece no tempo presente do modo indicativo;

(29) *Era preciso salvar tudo depressa para que depois não morresse.*

(30) *Por isso, acho que não será possível venha a se curar, sem um tratamento sério.*

- e) ocorre na matriz o verbo *ser* seguido de um SN;

(31) *É verdade que certos detalhes como este sofreram modificações.*

(32) *Seria até uma honra para mim ser substituído por você.*

OCS não-prototípicas: matriz com predicador verbal

Pela propriedade não-nominal do predicado matriz, as *OCSs* não-prototípicas seriam representadas por aquelas em cuja matriz figura um predicador verbal, conforme estrutura dada em (7). Embora essa diferença categorial marque as *OCSs* não-prototípicas, estas partilham com os outros dois subtipos alguns atributos, quais sejam:

- a) o verbo da oração matriz categoricamente apresenta-se na 3ª pessoa do singular e, com acentuável freqüência, no presente do indicativo;
- b) a oração encaixada tende a ocorrer mais na forma não-finita;
- c) a oração matriz também expressa um valor de avaliação do falante sobre o conteúdo da proposição encaixada. Como no caso das subjetivas com predicador adjetival, prevalecem os valores deônticos e epistêmicos, podendo também ocorrer outros índices de avaliação.⁶

Em busca de um *continuum* de prototipicidade

A busca de um *continuum* de prototipicidade não constitui uma tarefa fácil, uma vez que os casos limítrofes ou vagos não são fáceis de serem definidos com precisão, de modo a se indicar com segurança seu grau de pertencimento a uma dada categoria. Em outras palavras, a ausência de apenas um dos atributos indicaria uma maior proximidade da categoria mais central. O problema está em definir qual atributo seria o mais relevante para a prototipicidade de uma categoria, problema não abordado por Taylor (1989). Entretanto, arrisco-me a definir os membros mais marginais ou as categorias menos prototípicas. A representação gráfica em (33) ilustraria os extremos desse *continuum*, ficando por definir as categorias intermediárias.

(33) *continuum* de prototipicidade das *OCSs*

[+ prototípica]	↔	[- prototípica]
1. matriz na forma [<i>ser</i> + SA]	↔	1. matriz na forma [<i>ser</i> + SN]
2. verbo <i>ser</i> no presente do indicativo	↔	2. verbo <i>ser</i> em outros tempos e modos
3. modalidade epistêmica/deôntica expressa pela matriz	↔	3. outros tipos de avaliação expressos pela matriz
4. encaixada não-finita	↔	4. encaixada finita
5. encaixada à direita da matriz	↔	5. encaixada à esquerda da matriz

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, levando em conta os pressupostos da teoria de categorização lingüística, apresentei uma tipologia preliminar para as *OCSs*, a partir da qual procurei extrair, por meio da freqüência, os atributos de sua prototipicidade. Tentei mostrar que a unidade semântico-pragmática existente entre os conteúdos da oração matriz e da *OES* pode ser um indício que justifique a acentuada ocorrência destas

⁶ Dentre os tipos de verbos, *parecer* é o mais freqüente e codifica modalidade epistêmica. Há de se observar ainda que nessa hierarquização proposta, não se encontram muito distante das orações menos prototípicas aquelas em cuja matriz ocorrem verbos de estado, dos quais se sobressai o *parecer*, entendido como um caso de modalização do *ser*.

últimas na forma não-finita e, portanto, um maior avanço das *OCSs* prototípicas na escala de gramaticalização.

Embora, na busca de um *continuum* da prototipicidade das *OCSs*, tenha sido possível apenas definir os pontos extremos desse *continuum*, a teoria dos protótipos constitui um modelo adequado para a descrição e análise de estruturas lingüísticas, considerando inclusive os exemplos marginais de uma dada categoria.

RÉSUMÉ

Les théories linguistiques ne présentent pas toujours de réponses satisfaisantes pour la description et le fonctionnement des langues, surtout quand il s'agit des catégories diffuses, comme c'est le cas, par exemple, des propositions complexes. En nous servant de la Théorie des Prototypes (Taylor, 1989) lors de l'étude des propositions subjectives, nous essayerons, dans cet article, de montrer une autre possibilité de description et d'analyse de catégories linguistiques, y compris celles ayant un caractère flou.

Referências bibliográficas

- BRAGA, M. L. *As sentenças complexas no dialeto carioca*. Relatório ao CNPq, 1999.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: Chicago University Press, 1994.
- CERVONI, J. *L'enonciation*. Paris: PUF, 1987.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEHMANN, C. Toward a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.
- MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I., FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Caminha, 1989.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C.F.; LOPES, R. E. V. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- RODRIGUES, A. As orações predicativas. In: CONGRESSO DA ASSEL-RIO, 12, Rio de Janeiro, 1999. (Comunicação oral).
- TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York: Clarendon/Oxford, 1989.